

GRIFO

Nº 58
AGOSTO
2025

O JORNAL QUE RI

BOLÍVIA
Soberania ameaçada
PÁG. 8

VERISSIMO
Solo de sax
PÁG. 12

UM BRINDE
Jaguar, irreverente eterno
PÁG. 22



Soberania
Brasil é com S

A canção da Rita Lee

A **Grafar** e o **GRIFO** abrem no dia 13 de setembro a exposição “Brasil com S” na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. S de soberania, o assunto principal desta edição.

Não é todo mundo que gosta da soberania, agosto mostrou logo no dia 5, quando deputados e senadores bolsonaristas invadiram Câmara e Senado ameaçando só sair quando se marcasse a data de votação de projetos para anistiar Bolsonaro e o bando de zumbis do 8 de janeiro de 23, além do impeachment de Alexandre Moraes e também o fim do foro privilegiado - o que permite que deputados e senadores sejam julgados nas comarcas de suas bases eleitorais.

O presidente da Câmara, Hugo Motta – aquele que toma uísque 12 anos no gargalo quando desafiado - tentou sentar na sua cadeira 24 horas depois do início da bagaceirice, mas o deputado do Novo gaúcho Marcel Van Hattem (o eleito mostra o eleitorado) estava ali. E não saiu. Dessa vez, Hugo Motta não foi tão destemido quanto na feira do uísque e aceitou uma breve negociação de quatro horas para poder iniciar a sessão. Vai ver alguém lhe disse que tomar um 12 anos no gargalo era desperdício de sabor e qualidade, que o melhor é deixar o álcool evaporar um pouco. Ele ameaçou punições severas, mas não foi bem assim.

A palavra soberania tem muitas definições nos dicionários, todas remetem à independência e integridade, seja ética ou material. Países comandados democraticamente por seus habitantes, por exemplo.

O mais desalentador é ouvir frases como “soberania é coisa da ultra esquerda”, os liberais das revoluções burguesas devem estar se revirando nos túmulos.

É por isso que Rita Lee entra nessa história. Nos anos 1980, ela escreveu esses versos na música “**Brasil com S**” feita com Roberto Carvalho:

*Na minha terra
onde tudo na vida se
dá um jeitinho*

*Ainda hoje
invasores
namoram a tua
beleza*

*Que confusão
veja você*

*No mapa-mundi
está com Z*

*Quem te conhece
não esquece*

*Meu Brasil
é com S*

O Grifo de Eugênio Neves



EUGÊNIO NEVES 21/221-120525

GRIFO

Jornal de humor e política, desde outubro de 2020.

Eletrônico, mensal e gratuito.
Publicação de cartunistas da Grafar (Grafistas Associados do RS)

Editores: Celso Augusto Schröder e Marco Antonio Schuster

Editores adjuntos: Celso Vicenzi e Gilmar Eitelwein

Diagramação: Laura Santos Rocha

Mídias sociais: Lu Vieira

PARTICIPAM DESTA EDIÇÃO

Cuba: Brady Izquierdo, Jorge Armas e Michel Moro

Rio de Janeiro: Máximo e Miguel Paiva

Rio Grande do Sul: Bier, Beto Cartum, Carlos Roberto Winckler, Cid Dávila, Dênis Pimenta, Dóro, Edgar Vasques, Elias, Ernani Ssó, Eugênio Neves, Fabiane Langona, Guazzeli, Gilmar Eitelwein, Hals, Juska, Kayser, Lancast, Lu Vieira, Luiz Faria, Marco Schuster, Máucio, Paulo de Tarso Riccardi, Santiago e Schröder

Rússia: Konstantin Chakhrov

Santa Catarina: Celso Vicenzi e Cláudio Duarte

São Paulo: Bira Dantas, Carlos Castelo e Mouzar Benedito

Turquia: Erdogan Başol

Arte da capa: Celso Augusto Schröder

Leia aqui todas as edições do **GRIFO**
https://issuu.com/luvieira.ink?issuu_product=header&issuu_subproduct=publisher-suite-workflow&issuu_context=link&issuu_cta=profile



Receba o Grifo grátis e em primeira mão

Basta entrar em um dos grupos de WhatsApp para receber sua edição em pdf!

**CLIQUE AQUI E
ENTRE NO GRUPO 1**

**CLIQUE AQUI E
ENTRE NO GRUPO 2**

**CLIQUE AQUI E
ENTRE NO GRUPO 3**

O *Brazil* tá matando o Brasil

Meu Brasil brasileiro! E agora, Bolsonaro ainda pode pedir pix como fez em 2023? Em maio deste ano da tornozeleira eletrônica de 2025, um ex-ministro do Turismo também pediu pix para Bolsonaro. Trump é capaz de não gostar. Pede pix ou sabota o Banco do Brasil?

Vou cantar-te nos meus versos! Sem ufanismos, mas com uma boa dose de Ary Barroso, pra falar de soberania, país independente, que tem poder sobre seu território, essas coisas.

Brazil, onde golpistas parecem ameaçadores nas ruas e falam baixinho na frente da justiça, pedem porta-aviões e até asilo para Milei. Por que a coisa anda así, en las bandas golpistas:

um whats bate no inimigo, outro nos amigos. E outro também. Trocando rugidos por miados desmilinguidos.

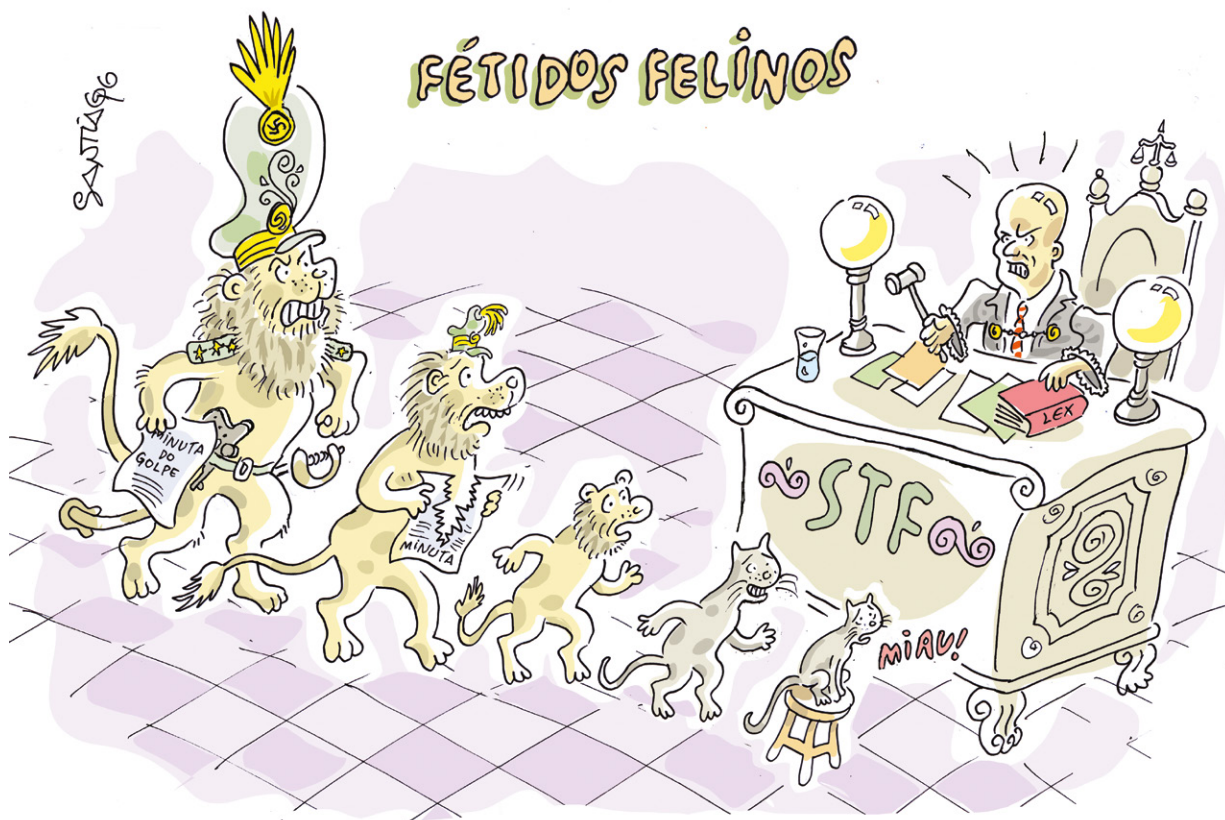
É a guerra dos bonés: MAGA X O Brasil é dos brasileiros. A batalha pela taxaço das grandes fortunas, por derrubar a lei da devastação, a da blindagem parlamentar.

Como dizia Aldir Blanc, “o **Brazil** não conhece o Brasil”.





Patriotas 'fashion' apelam a Trump



Enfrentando o tiroteio

Luiz Augusto Faria

Em uma entrevista a Bruna Lombardi tempos atrás, além de gracejos machistas, Trump se declarou vingativo e que sempre escolhia o enfrentamento. Agora presidente estadunidense, exacerba o estilo cair atirando, agredindo tanto aqueles que considera inimigos quanto seus aliados europeus. Entre sanções, tarifas e chantagem, pretende submeter seus adversários que parecem ser o mundo inteiro e recuperar a grandeza da América.

O Brasil recebeu alguns dos impactos mais duros de sua agressão, mesmo sendo, nossas relações, favoráveis aos EUA. Há mais de um século transferimos uma parte importante de nossa renda àquele país por diversos mecanismos (dívida, lucros repatriados ou comércio desigual). A questão é principalmente política e inclui a pretensão de intervir no Poder Judiciário nacional. Ao enfraquecer o Brasil, Trump visa favorecer seus aliados de extrema direita e, principalmente, atingir a aliança do Brics. Pela mesma razão a Europa foi “traída” com acenos à Rússia, cuja intenção é afastá-la da China.

Para o homem do topete laranja somos um elo frágil na aliança multipolar, parte da desprezível América Latina que não saberia mais seu lugar. Mas agora as coisas são diferentes. Na década de 1990 fomos jogados para fora da trilha do desenvolvimento muito



por ação dos EUA, então credor de nossa enorme dívida externa. Sua renegociação foi condicionada à nossa adesão à cartilha do neoliberalismo. Desregulação e abertura interromperam nossa inserção na revolução da informação e comunicação, as TI. Perdermos nossa indústria de eletrônicos e computadores recém-criada e boa parte dos demais ramos manufatureiros. O país se desindustrializou e fomos ultrapassados pela Coreia, China e outros da região.

Ao mesmo tempo, os asiáticos eram apoiados em seu desenvolvimento industrial por formarem uma frente contra a URSS. Já a América Latina, então com renda per capita superior, foi vista como mercado para a expansão financeira dos americanos. Nossa burguesia dependente e associada abraçou a causa da financeirização. Em pouco tempo as antigas famílias dos capitães de indústria assumiram o confortável novo papel de ociosos cotistas de fundos de investimento. Os únicos setores produtivos que seguiram

crescendo foram a agropecuária e a produção mineral e petroleira. De resto, só estagnação.

Quando chegaram ao governo, Lula e o PT trataram de retomar o desenvolvimento, sem o que seu compromisso de acabar com a fome, reduzir a pobreza e melhorar a vida da maioria trabalhadora seria impossível.

Para tanto foi necessário um reposicionamento do Brasil no sistema internacional. Nesse movimento a criação do Brics foi decisiva, uma vez que também Rússia, Índia e principalmente China vinham persistindo em uma trajetória de mudança da sua inserção internacional. Brasil e Rússia tomaram a iniciativa de convidar os outros dois, a quem posteriormente se somou a África do Sul, para formar uma parceria com vistas à transformação da ordem mundial.

Isso só ocorreu porque o Brasil e o mundo mudaram; nosso grau de dependência em relação aos EUA não lhes permite causar o mesmo estrago de antes. Já deixamos o rol dos endividados e nossos maiores parceiros comerciais e de novos investimentos são os chineses. O mundo multipolar defendido pelo Brics visa combinar a interdependência que a expansão capitalista criou com uma maior igualdade entre as nações. Em lugar da exploração imperialista, o que os chineses chamam parceria ganha-ganha.

"O DIA EM QUE A TERRA PAROU..."



TIREM O LULA DO MEU SAPATO!



BIER

EU DEFENDO O QUE É MELHOR PRO MEU PAÍS! POR ISSO EU QUERO QUE O TRUMP PUNA AS AUTORIDADES BRASILEIRAS!

ENTENDI... VOCÊ FOI DESIGNADO BRASILEIRO AO NASCER, MAS SE IDENTIFICA COMO ESTADUNIDENSE. VOCÊ É UM PATRIOTA TRANS!

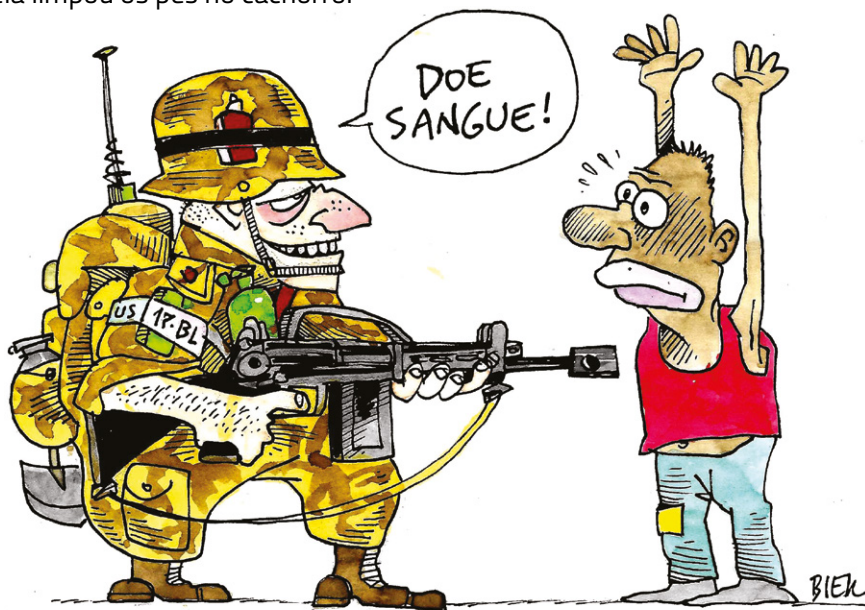


MYSEB



**BAR do NEREU**

O cara entrou apressado, pediu um martelo de cachaça, sentou-se na minha frente e levantou a calça na canela esquerda. Tinha um ferimento aberto sobre o qual ele aplicou a cachaça, soprando e esfregando sofregamente. Depois limpou o serviço com guardanapos de papel. Bebeu o resto e disse que era mordida de cachorro. Não sabia se era bicho da rua ou se era vacinado. Ao ser perguntado sobre injeção antirrábica, deu de ombros. A julgar pelo seu comportamento, talvez o cão é que deveria ser imunizado. O que, quase de imediato, me trouxe à mente um episódio ocorrido com a minha avó, em Santo Ângelo, nos tempos em que eu era cabeludo. A senhora, que morava aos nossos cuidados, já passava dos 80 anos. E havia um grupo de amigas suas, da mesma faixa etária, que compunha o Clube das Vovozinhas da igreja, em sua grande maioria viúvas de vista fraca. A cada mês a reunião do chá ocorria numa casa diferente. Ali pelas 16 horas de uma tarde primaveril, coube a mim levá-la num chalé cercado de frondoso arvoredo e com a área da frente coberta de trepadeiras. Toquei a campainha e voltei pelo caminho ajardinado até o portão. Horas mais tarde, quando fui buscá-la, fui recebido lá dentro, onde ela me esperava com uma atadura na canela. É que havia um cachorro dormindo no capacho. E ela limpou os pés no cachorro.

**SONETO PARA O CHEFE BIPOLAR**

De alma atormentada e inquieto cruza o dia
o pobre algoz em belas roupas bem passadas,
administrando o vil metal que o arrepiava
e já tão cedo em besta torna o camarada.

Quem de início põe-lhe os olhos sobre a estampa,
vê feliz, absorto e justo o tal sujeito,
mas, por trás de uma aparência assim tão santa,
esconde-se a quimera em mil trejeitos.

Se de manhã amigo chega, e sorridente,
pede favores, mostra a lida, sem reserva,
Como um chefe que se preza da incumbência,

logo à tarde – Deus nos livre! – fecha a cara,
joga culpas, qual tirano, e não se observa
no enorme espelho que reflete a sua indigência.

(Num jornal da Gringolândia, século passado)

**PALAVRAS
DA SALVAÇÃO** 

Os árabes inventaram o zero.
A direita inventou o zero à
esquerda.

**Fenadoce: do jeito que tão
erotizando tudo, anos que
vem podem lançar o
Pepino do Amor.**

Quem me garante que o
Tiranossauro Rex, com aquelas
patinhas dianteiras, não tinha
talidomida?

**Na última vez em que fui numa
casa de bombas tinha lá uma
galera fumando maconha.**

Trump está podre e fede. A
pós-modernidade poderia
dizer que ele é um homem em
desconstrução.

**Malafaia tem tanto chilique,
que deveria instituir a
cura gay nos seus cultos.**

Bozô que me perdoe, mas a
melhor arma contra guampa
ainda é a deficiência de cálcio.

**Enquanto ninguém mexer no
seu bolso, Melo vai continuar
debochando quando é vaiado.**

Agora só falta Israel instalar
outdoors do McDonald's na
Faixa de Gaza...

**Aviso naquele palácio sitiado
no sul do continente: ninguém
solta o pau de ninguém!**

Não há povo mais caprichoso
do que o brasileiro. Ninguém no
mundo lava mais dinheiro.

**Botou a mão no fogo pelo
Tarcísio de Freitas e explodiu
três bairros.**

Que o Corcovado não me leve
a mal, mas eu acho que o novo
monumento do Brasil deveria
ser a Papuda...

Bolívia, subordinação e soberania

Carlos Roberto Winckler

A Bolívia passou por 194 golpes ou tentativas de golpe desde sua independência em 1825. A última tentativa deu-se em junho de 2024 liderada pelo comandante do Exército, a pretexto de impedir o retorno de Evo Morales ao poder. A instabilidade boliviana se deve a um padrão de segregação social e política de descendentes dos povos originários, submetidos a uma ordem que oculta a diversidade social e regional dentro de um quadro econômico marcado pelo extrativismo mineral e domínio de interesses privados nacionais e estrangeiros sob forte influência estadunidense.

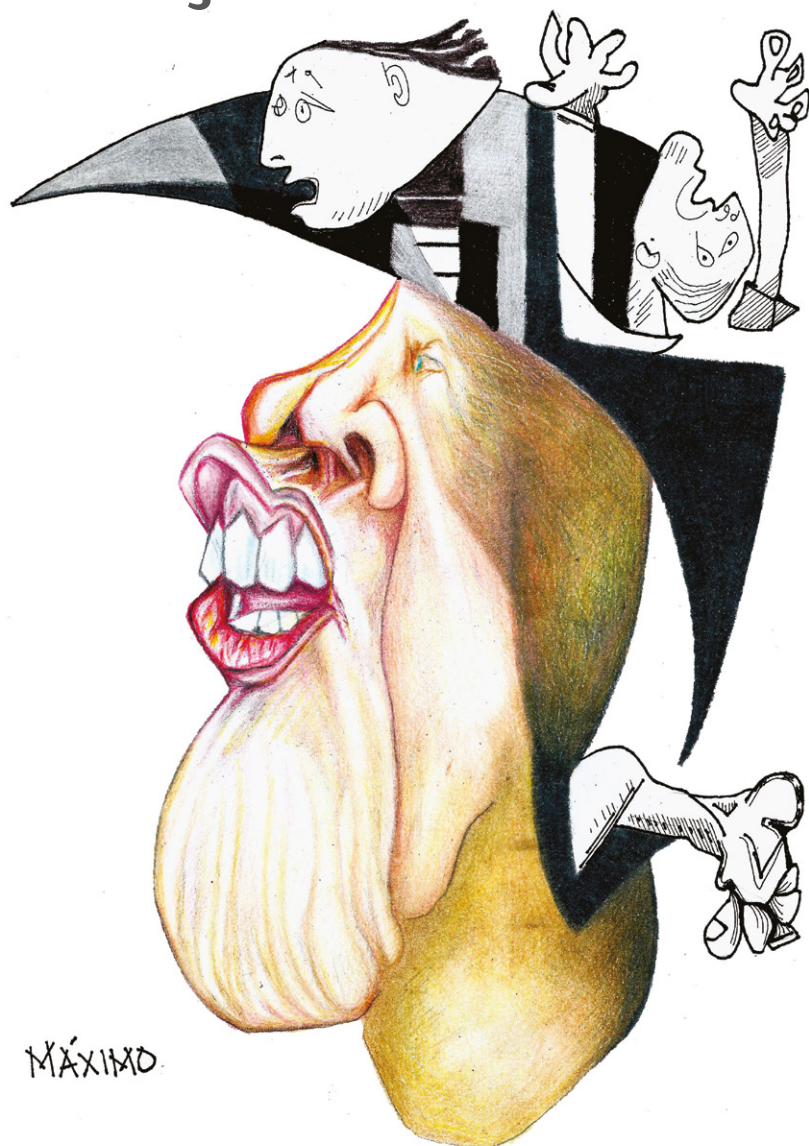
A Revolução de 52 é apontada como um momento constitutivo da Bolívia contemporânea. Apesar da moderação do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) liderado por Victor Paz Estenssoro, sob pressão popular decretou-se a reforma agrária, a nacionalização de minas, estendeu-se o voto universal e a educação rural. O ímpeto revolucionário recuou face à influência dos EUA, através de programas de estabilização econômica com o FMI e auxílios financeiros, cujos resultados levaram à deposição de Estenssoro. À breve junção entre nacionalismo e militarismo com Juan José Torres nos anos 70, seguiu-se o contragolpe militar de Hugo Banzer, apoiado pela ditadura brasileira e pelo agromercado da região de Santa Cruz com forte repressão aos trabalhadores rurais, o que suscitou o surgimento de movimento camponês autônomo que se estendeu ao altiplano boliviano. Com a queda de Banzer sucedem-se nove governos, com retorno de eleições

em 1982.

Paz Estenssoro é reeleito em 1985 e adota o receituário neoliberal, inaugurando a “democracia pactada” de um “presidencialismo parlamentarizado” que durou duas décadas. Ampliaram-se as fraturas étnicas, sociais e regionais em meio à crescente crise econômica. Movimentos indígenas, camponeses e cocaleros que se opõem à política de criminalização da folha no contexto de guerra às drogas, propõem novo pacto social. As pressões o governo respondeu com privatizações, com uma reforma constitucional limitada a um certo grau de autonomia municipal e reconheci-

mento do caráter multicultural do país.

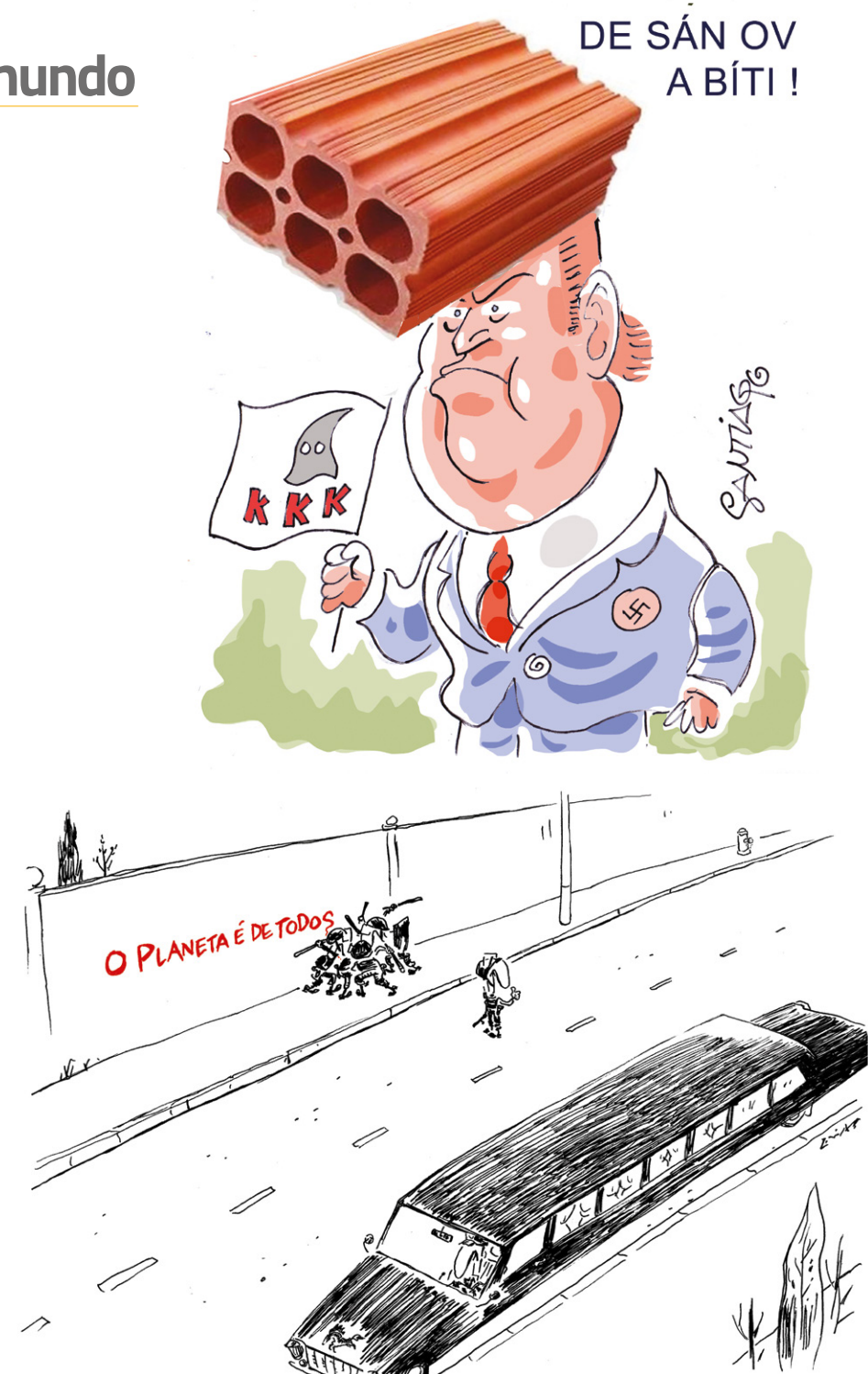
Nesse contexto surge o Movimento ao Socialismo – Instrumento Político para Soberania dos Povos (MAS-IPSP) e a liderança de Evo Morales. Os anos 2000 abrem um ciclo de lutas sociais: Guerra da Água em Cochabamba e a sangrenta Guerra do Gás. Lutas contra privatizações e vendas lesivas do gás exportado. Surge uma nova agenda popular: nacionalização do gás, avanço na reforma agrária, rechaço do projeto da Alca e uma Constituinte. Evo Morales vence em primeiro turno as eleições de 2005. Abre-se o segundo momento consti-



tutivo da Bolívia com o processo constituinte entre 2006-2009 com absoluta maioria do MAS. A nova Constituição, apesar da oposição departamental onde se concentra o poder econômico (Santa Cruz, Beni, Pando e Tarija – a Media Luna), foi referendada por 61% dos bolivianos. Emerge o Estado Plurinacional da Bolívia, com nacionalizações de hidrocarburos, diferentes formas de organização popular da economia, da justiça e mecanismos de democracia direta. Nos anos de governo de Evo Morales, que se estendem até 2019, os ingressos da exportação de gás e modificação dos contratos entre Estado e empresas privadas facilitaram a melhoria dos indicadores sociais, diminuiu a pobreza absoluta com mecanismos de transferência de renda, floresceu uma nova classe média de base indígena, expandiu-se a urbanização e investimento em infraestrutura.

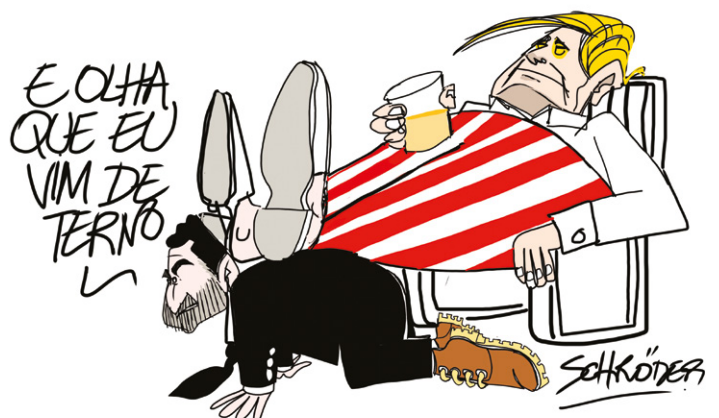
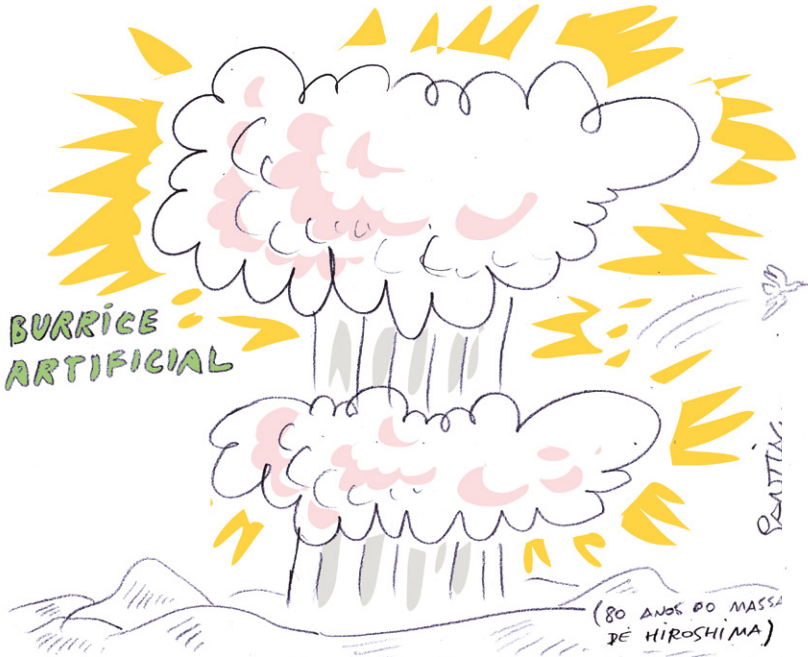
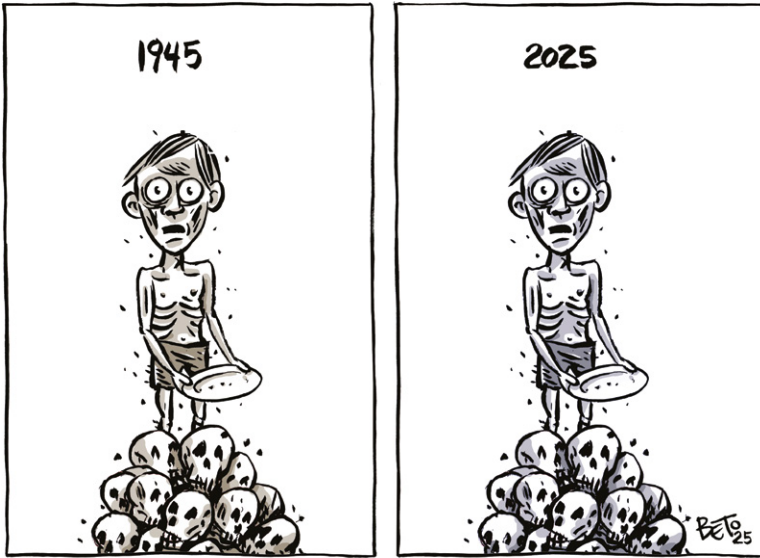
Ao final do segundo governo aparecem fissuras: a dependência na exportação de gás, com riscos de queda do preço no mercado internacional e mudança no perfil dos principais compradores, Argentina e Brasil, o aumento de importações de combustíveis e alimentos, a diminuição das reservas de divisas e desestímulo à produção local. Além de tensões entre preservação ambiental e desenvolvimento de base extrativista. A oposição de direita e extrema direita forçou a renúncia de Morales.

O golpe de direita em 2019 foi de curta duração e desnudou o elitismo, racismo, corrupção e inépcia de gestão. Nova eleição realizou-se em outubro de 2020. Com apoio de Morales, foi eleito com 55% dos votos Luis Arce, ex-ministro de economia. O MAS obteve maioria no Legislativo. O retorno foi marcado desde o início com a disputa entre “arcistas” e “evistas”, divisão política que



cindiu o campo popular. A tentativa de Evo Morales em se candidatar novamente em 2025 não foi aceita pelo Tribunal Constitucional, que vetou reeleições indefinidas. Disputarão o segundo turno, em outubro, o senador Rodrigo Paz (32,08% dos votos) com perfil próximo a centro direita e o ex-presidente neoliberal Jorge Quiroga (26,94% dos votos). Em terceiro lugar, o milionário Samuel Medina (20% dos votos) declarou apoio a Paz no segundo turno. Traço comum: defendem menos Estado e ajus-

te fiscal. Na prática, revisão das conquistas populares dos últimos 20 anos. Os candidatos da esquerda, Andronico Rodriguez, uma dissidência do MAS e Eduardo Del Castillo, candidato apoiado por Arce, obtiveram votação medíocre. A crise econômica aprofundada e a imprudente orientação de Evo Morales pelo voto nulo (quase 20%) selaram a sorte do MAS, que elegeu apenas um representante na Câmara e nenhum no Senado. Mais um indício da virada à direita na América Latina.



Pixs

Pelo jeito, o temor é tanto que Bolsonaro só será preso se cagar no palácio do planalto. Aliás, já cagou.

Israel agora aposta no combo da morte. Assassina, ao mesmo tempo, jornalistas, médicos, enfermeiros e técnicos junto com pacientes em bombardeio de hospitais.

Jaguar fazia parte dos não desenhistas do Pasquim. Enquanto Ziraldo era o desenhista e Henfil ficava no meio. Os três usavam seus traços de maneira magistral e absolutamente sintonizados com suas personalidades artísticas/jornalísticas/políticas. Jaguar influenciou e influencia uma geração toda de cartunistas e quadrinistas que atribuem ao desenho apenas o tosco suporte de suas ideias. Sua força é justamente a redução do discurso ao traço forte e sumário. Sempre preferi a urgência do Henfil, mas o Jaguar era a cara do Pasquim. O contrário, na verdade.

A morte do Jaguar aos 93 anos prova que whisky não mata. O que mata é a marca do whisky.

Procurei e não achei. Acho que a enchente levou, mas o melhor cartum que conheço é um desenho do Jaguar com ideia do Ivan Lessa. Vou ter que descrever: um homem pobre, de óculos escuros sentado num meio fio, com uma caneca pedindo esmola e com o seguinte bilhete encostado na caneca: CEGO E ACHO QUE NEGRO.

E daí a pistoleira que se achava à vontade para invadir o sistema judicial brasileiro e ameaçar pessoas com uma pistola em via pública, quando condenada, foge, como qualquer bandida. Esperta, como toda larápia, vai para a Itália em busca de proteção ideológica a afago político. Encontra a justiça de estado e amarga uma cana em que o juiz não acredita na lorota de sua disenteria crônica.

O tom da conversa entre Jair e Eduardo Bolsonaro não é de pai e filho. Não era assim que me relacionava com meu pai e nem é assim que convivo com meus filhos. O tom da conversa dos dois, contida no celular apreendido, é de dois bandidos. É quase um acerto de contas de cúmplices prestes a romperem quando a cana se aproxima. O nível da conversa e dos xingamentos só surpreende, um pouco, por se tratar de pai e filho. Legalmente ao menos. De qualquer maneira são mais provas coletadas.

Guinada neo trabalhista

Assim como Bolsonaro elegeu Lula, provavelmente Trump o reelegerá. Mais do que isto, provavelmente os ataques trumpistas, alimentados pelo bolsonarismo, reacendam um nacionalismo adormecido no país, assim como retomem o getulismo e reafirmem o Brasil com S. Aprendi com os anos e a dialética que derrotas não são eternas, assim como vitórias tendem a ser efêmeras se não submetidas a esta mesma dialética. Lula citar a carta-testamento de Getúlio Vargas não é mera retórica retrograda e sim a guinada final do PT de um diluído projeto socialista para um modelo neotrabalhista, nacionalista e desenvolvimentista. Se Bolsonaro contaminou a camiseta verde e amarela com um entreguismo agora completamente assumido, parece que Lula recuperou o azul que sobrou, misturou com os brios restantes de segmentos até agora acomodados e pode compor uma nova paleta de cores nacionais. O modelo pode servir para a próxima eleição, mas foi confeccionado para o grande embate no qual o país foi jogado. “Brasil é dos brasileiros” não é apenas um slogan no boné, mas uma tomada de posição forte e necessária.

quer que escreva?



Solo de sax

Luís Fernando Verissimo tornou-se cronista diário na Zero Hora, em 1969. Antes, havia ilustrado capas de livro na Editora Globo do Porto Alegre, tocado saxofone no “Renato e seu sexteto” no tempo dos bailes do início dos anos 60, revisor

de jornal e até redator anônimo de horóscopos. Também foi redator publicitário.

Na madrugada de 30 de janeiro, o Santiago mandou mensagem no grupo do GRIFO sobre a morte dele. Verissimo merece todas as matérias e coberturas que a imprensa faz.

Em 2021, numa exposição na Feira Livro sobre autores, o desenho de Verissimo foi vandalizado. Em desagravo, artistas gráficos produziam 25 retratos dele.

Alguns deles estão aqui, outros foram feitos agora.

Assim como os textos.

(Marco Schuster)



A vida Ed Mort

Leandro Doro



Conheci o Verissimo numa entrevista. Eu, nervoso, ele, calmo. Eu com perguntas afiadas, ele com respostas mansas — e sempre com aquele jeito de quem parecia estar imaginando outra coisa, mas estava, na verdade, pensando em tudo. Perguntei sobre Gula: o clube dos anjos, aquela confraria de amigos que se reúne para comer até a morte, literalmente. Ele respondeu com a filosofia mais simples e imbatível que já ouvi:

— O pior de ficar velho é não poder comer o que se gosta.

Ou seja, a morte não é tão gra-

ve quanto uma dieta.

Depois disso, vi o Verissimo algumas vezes. Na Casa de Cultura Mario Quintana, nas reuniões da Grafar, e em outras ocasiões mais insalubres do que literárias, como no Tuti Giorni, na escadaria da Borges de Medeiros. Sempre em turma, sempre com a esposa junto. O ritual era parecido: cumprimentava todo mundo, trocava duas palavras, ficava quieto o resto da noite. Mas quieto daquele jeito que prestava atenção em tudo. Quem falava esquecia que ele estava ouvindo. Só que ele ouvia. E, pior, lembrava.

Uma vez, assisti a uma palestra dele sobre humor. Lembro bem de quando defendeu a ideia de abandonar aquelas piadas antigas, as que sempre tinham como alvo alguma minoria. “Não porque perderam a graça”, explicou, “mas porque nunca tiveram.” Propôs um humor novo, cheio de trocadilhos e desvios inteligentes. Era como se dissesse: se dá pra rir sem machucar, por que escolher o contrário?

Noutro dia, liguei para a esposa dele para pedir opinião sobre um conto. Ela me disse que o Verissimo não podia atender,

estava trancado escrevendo oito crônicas de uma vez. Oito. Porque iam passar a semana em Paris. Eu perguntei se ele não pensava em se aposentar. Ela riu e respondeu:

— Temos um filho que não sai de casa. O Verissimo nunca vai se aposentar.

E nunca se aposentou mesmo: escreveu até o último gole de café.

A família Verissimo sempre teve uma relação curiosa com casas. O seu pai Érico comprou uma no bairro Petrópolis, em Porto Alegre, nos anos 40. Não era mansão de escritor consagrado, era casa de Cohab — só que, naquela época, as casas populares eram tão bonitas que davam inveja nas casas “oficiais”. A vizinhança incluía Dionélio Machado, comunista aguerrido que pa-

gou caro por sua coragem: cadeia, tortura, esquecimento. Enquanto Érico era discreto, Dionélio enfrentava tudo de peito aberto. As famílias, apesar das diferenças de destino, compartilhavam pequenos rituais de vizinhança.

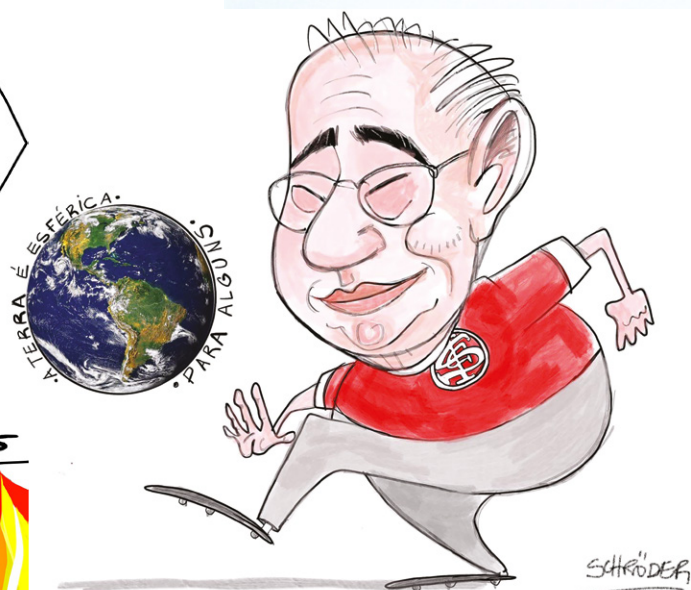
Dizem que os Machado gostavam de tocar clarinete e modas de viola na frente da casa, como se a calçada fosse palco. E havia ainda a caixa d’água da praça da esquina, que se transformava em balneário improvisado no verão: abriam as torneiras para todo mundo se refrescar. É possível que naquele banho coletivo tenha nascido mais literatura do que em muitas bibliotecas.

E, no meio disso tudo, o menino Luis cresceu lendo, ouvindo, olhando. Até que um dia, além

das crônicas, começou a desenhar. Vieram As Cobras, filosofando de modo rastejante; e veio também o Ed Mort, um detetive particular que vivia mais de dívidas do que de casos, uma versão porto-alegrense de Humphrey Bogart em filme sem glamour. E, claro, o Analista de Bagé, que conseguiu transformar o divã em cadeira de barbeiro e a psicanálise em conversa de vizinho, com direito a chimarrão e um “mas bah, tchê” no lugar da interpretação freudiana.

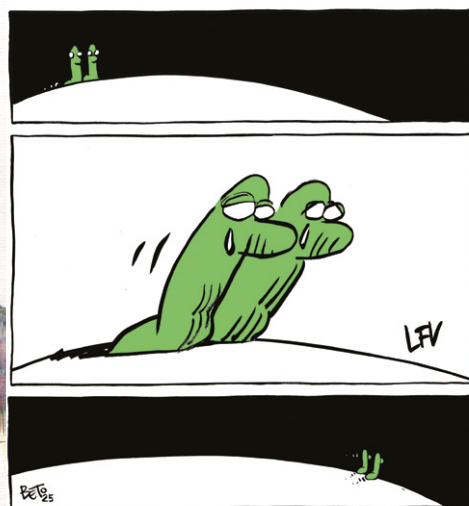
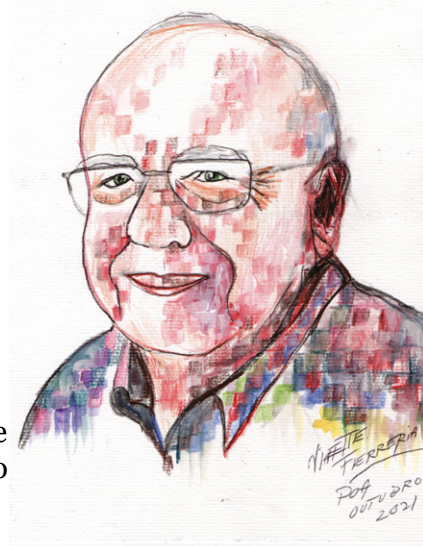
Esse humor gráfico e escrito era o mesmo Verissimo que eu via no bar: discreto, mas implacável. Quem não prestasse atenção perdia a piada, mas quem prestava sabia que ali estava uma filosofia inteira disfarçada de trocadilho.





Sempre me lembro do Fred Astaire quando leio ou releio o Luis Fernando Veríssimo. Ele dizia: “O segredo é fazer parecer fácil”. A leveza, o humor e a fluência abençoada do texto do Veríssimo fazem parecer fácil, fácil demais até. O golô das palavras é dureza: não deixa que elas fiquem se fresqueando ou fazendo poses insinuantes. Ele sabe que se afrouxar logo elas mandam em casa. Aí, tudo pode acontecer, mesmo um “luzedia”, como nos versos de uma personagem do Veríssimo. Esse é o ponto: se fosse fácil, meu caro, não haveria tantas poetas luzedias, e se o Fred Astaire tivesse mais admiradores, os cadernos B da vida não as entronizavam.

Com modéstia ou cansaço, o Veríssimo dizia que seu ramo era o entretenimento. Pode ser. Ou dizia com ironia? Ovídio – um poeta divertido ainda hoje, como Cervantes, apesar do esforço de destruição dos tradutores – escreveu que há uma arte de parecer sem arte. Este é o credo dos mais audazes. (Ernani Ssô)



BLAU Bier



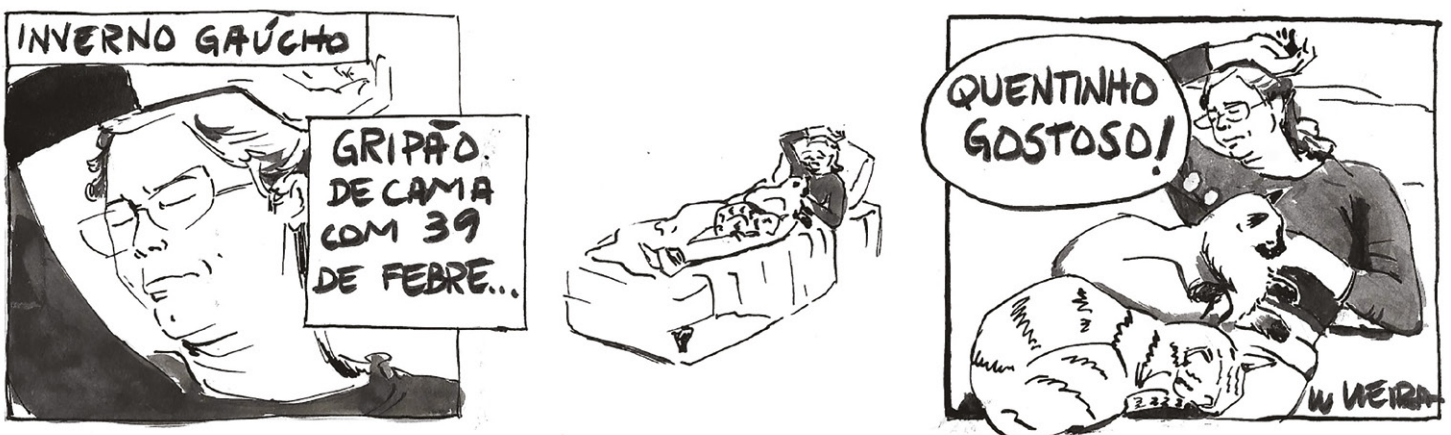
PURGATÓRIO PUB Cid Dávila



ZÉLIA E DIRCE 60+ Fuchs



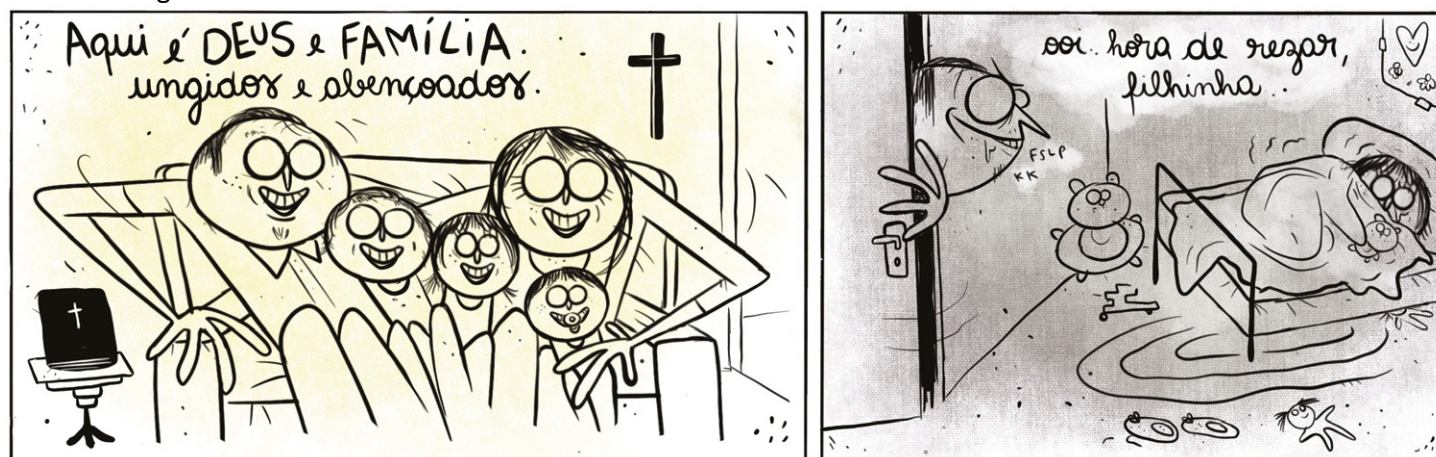
Lu Vieira



NESTE CORPO (gente reencarnada em bichos) Elias



Fabiane Langona



VAREJEIRAS EM CRISE Celso Schröder



RANGO Edgar Vasques



Tira editada por Jaguar no Pasquim, em 1976, que causou a apreensão do jornal em todo o país.

De onde menos se espera

Gilmar Eitelwein



Um jovem com cabeça de velho, desconectado das lutas históricas da classe trabalhadora, forjado nos salões nobres da política de sapatênis, refém do conservadorismo arcaico e patrimonialista que domina a política brasileira, principalmente no sul do país. Assim me parece estar se consolidando a imagem do governador gaúcho Eduardo Leite. Um vazio completo, tanto de ideais quanto de projetos, uma pretensa aura de preocupação com a economia e o social, mas no fundo uma completa nulidade em termos de avanços e melhorias para a sociedade como um todo.

O que fez de importante nesses anos todos o mais novo governador na história do Rio Grande do Sul e o primeiro a ser reeleito, após a redemocratização? Não consigo lembrar de nada, além dos tradicionais acordos com a carcomida elite econômica, urbana e rural e com os velhos partidos de sempre, o Centrão (ou Arenão) de todos os dias, onde vai se mantendo tudo como está, desde as capitânias hereditárias - vide a política chantageira, a corrupção gigantesca e as negociatas de emendas parlamentares que predominam no atual Congresso Nacional (Ministro Flávio Dino, estamos contigo na implosão dessa roubalheira institucionalizada).

Eduardo é pequeno diante

desse quadro de horror, da política rasteira e privilégios de poucos. Seu ex-partido, o PSDB, esfarela-se em todo país. Pegou o trem descarrilhado do mineiro Aécio Neves, engolido pela extrema direita depois de não aceitar a derrota para Dilma em 2014 e começar a espernear feito carneiro mamão desmamado. Pediu a anulação do pleito e iniciou a trama golpista que culminou no impedimento (golpe) contra Dilma em 2016, na prisão e retirada de Lula das eleições de 2018 e na ascensão de Bolsonaro. Tudo que vivemos hoje, cercados por golpistas de extrema direita, saudosos da ditadura militar pós 64 tentando a todo custo implodir nossa incipiente democracia, é

resultado dessa política conservadora aliada aos interesses dos setores mais ricos.

Mas, voltemos ao governador gaúcho. Que legado ele deixa para o povo e seu estado? Num primeiro momento, lembro de ter despertado alguma curiosidade entre os setores tradicionais, mas, como sabíamos desde o início, era mais do mesmo e não acrescentou nada em sua gestão. Vale lembrar que foi a esquerda, incluindo PT, PSOL e PCdoB quem lhe deu os votos inteiros no segundo turno das eleições de 2022, para vencer o bolsonarista Onix Lorenzoni. A maioria não queria o cara que administrou o INSS no desgoverno Bolsonaro, tendo inclusive recebido recursos para sua campanha de empre-

sários que hoje são investigados por desvios milionários na Previdência Social.

O que Leite fez pelo Rio Grande e seu povo? Aparentemente, apenas andou na corda bamba da manutenção das coisas como elas sempre foram, de defesa dos interesses das oligarquias locais, um conservador liberal fazendo acordos de governabilidade. Como legado para as futuras gerações, penso que sua única contribuição foi a polêmica revelação em programa nacional de TV, de sua opção sexual.

Na enchente que arrasou boa parte do estado ano passado, foi omissivo em muitas frentes e ainda ficou de mimimi com o governo federal, que despejou bilhões de reais no socorro aos atingidos e

ao próprio Estado. Agora, troca de partido e acalenta o sonho de ser uma terceira via na disputa nacional. Foi para o PSD, do cacique paulista Gilberto Kassab, onde terá pela frente na disputa interna, o governador do Paraná, Ratinho Jr. Convenhamos, ambos se merecem e estão em casa.

O que o faz pensar que poderá ser uma opção nacional, num quadro carregado de opções tradicionais da direita e extrema direita, sem ter deixado uma marca de gestão democrática e inclusiva sequer? Penso que está trabalhando para se eleger Senador. Infelizmente, tem chances de se tornar mais um a inchar o Senado Federal, impregnado de lobistas que só defendem pautas que beneficiam seus ricos financiadores.

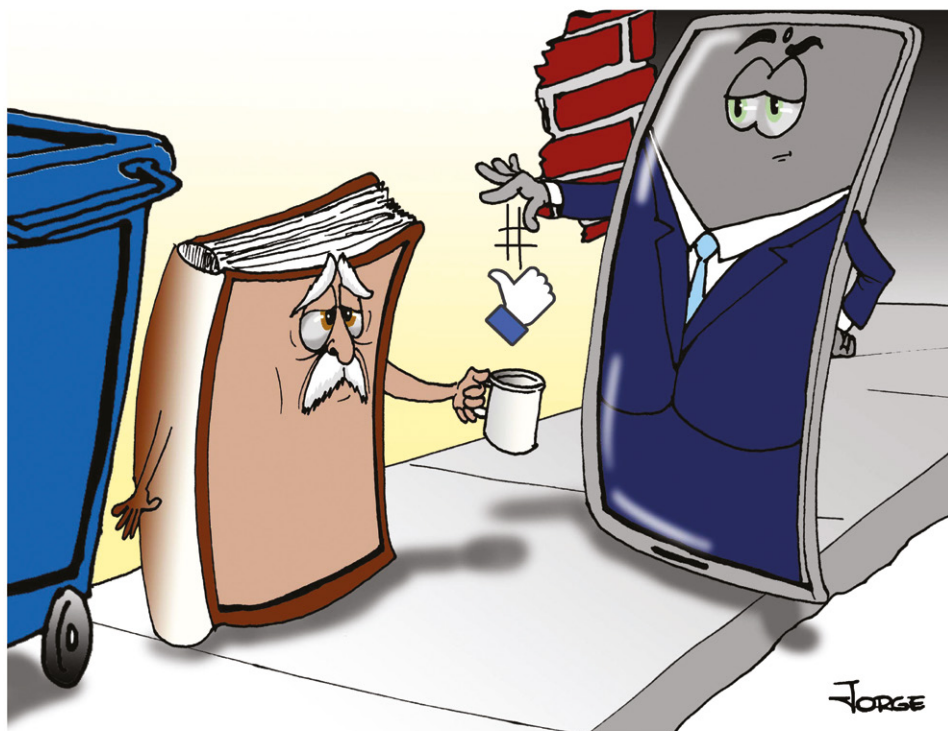


A doença infantil do jornalismo brasileiro

O jornalismo brasileiro tem sofrido de uma doença infantil, mas que também atinge veículos de idade avançada, que é, como alguém já definiu, o “doisladismo”. Apresentadores de telejornais, de programas de entrevistas, analistas políticos e até mesmo repórteres, tem dedicado boa parte de suas reportagens e análises a ouvir “os dois lados”. Como se apenas isto bastasse.

Ora, jornalistas devem ser mais do que “gravadores de luxo”, que reproduzem o que quer que seja sem contextualizar, minimamente, a informação. Sem uma investigação mais apurada e a contextualização dos fatos, pode-se divulgar facilmente duas mentiras – ou uma mentira e uma verdade, como se ambas fossem verdadeiras. Cabe justamente ao jornalismo desnudar quem é quem no cipoal de “opinionismo” que trafega por todas as plataformas. E impedir que ideias abjetas circulem travestidas de liberdade de expressão. Há muitos riscos quando se empodera o fascismo, o nazismo e todos os “ismos” que podem comprometer a dignidade humana.

É a síndrome do “jornalismo declaratório” que tomou conta dos espaços midiáticos e que diariamente junta, em várias plataformas, com o mesmo espaço ou tempo, democratas e defensores de regimes ditatoriais; milicianos com pacifistas; pastores estelionatários e religiosos abnegados às causas sociais; propagadores de fake news com pessoas éticas e responsáveis no trato da informação. E assim, ao fim e ao cabo, esse jornalismo que se nega a pensar e assumir responsabili-



dades civilizatórias, empodera as milícias e gangues políticas que tomaram de assalto a democracia brasileira e a ameaçam, interna e externamente.

Nesta balança do “doisladismo” cabe tudo, sempre com aquele tom comportado de quem parece defender a ética, quando no fundo e no raso, propaga tão somente a tese capenga de que todos merecem o mesmo espaço midiático para debate. O jornalismo brasileiro teria colocado frente a frente, para debater o nazismo, Hitler e Churchill, por exemplo. Para debater direitos humanos, o torturador e o torturado; para debater ciência, o negacionista e o cientista; quem é contra ou a favor da ideia de que a Terra é plana...

É por isso que, até hoje, a mídia tem dificuldade de chamar de genocídio o que ocorre em Gaza, onde os ataques que matam mais de 80% de civis palestinos – principalmente mulheres e crianças – são ações de “defesa” de Israel.

E é assim que se propagam

pautas na imprensa como: quem é a favor ou contra arrochar ainda mais a população mais pobre (travestidas de eufemismos para que o público não a perceba claramente); quem é a favor ou contra taxar os super ricos; quem é a favor ou contra a ciência; quem é a favor ou contra a liberdade de cátedra; quem é a favor ou contra a liberdade de expressão sem limites e que, portanto, permite a pedofilia, a exploração sexual, as fake news etc.

Nesse emaranhado que embaralha milênios de construção da razão, da paz, da solidariedade e dos direitos humanos, o jornalismo torna-se refém do banditismo ideológico, que só porque usa terno e gravata e, às vezes, enganosamente tem bons modos, não deixa de ser o perigo que de fato é, e que, por ingenuidade ou má-fé, jornalistas e brasileiros de todas as profissões, alimentam o monstro disposto a destruir o que de melhor a civilização construiu para a convivência livre, justa e pacífica entre os seres humanos.

Seis por meia dúzia

Malafaia disse – não, não disse, Malafaia vociferou, numa espécie de dublagem de profeta bíblico feita por adolescente trocando de voz, que o bozo, além de imbroxável e imorrível, é insubstituível. Soletrou ainda por cima: in-subs-ti-tu-í-vel. Vá que os fiéis não captassem a sutileza da afirmação.

Sei não. Melhor examinar isso – não pode ser apenas o sol do deserto na moleira do profeta de telenovela pentecostal. Por falar nisso, como eu gostaria de ver o Malafaia de camisolão, cajado e sandálias de couro cru – meio Antônio Conselheiro, meio jagunço com Rolex no pulso.

Que eu saiba, a primeira notícia de crimes do bozo é o planejamento de bombas nos banheiros do quartel e explosão de um aqueduto no Rio de Janeiro. A primeira porque estupros de galinhas não contam, ele era menor, não poderia ser preso. Bom, como terrorismo, se compararmos essas explosões com as intenções do brigadeiro João Paulo Burnier, no famoso caso Para-Sar, é pura festa de São João. Daí que a substituição do bozo seria a maior moleza.

Enriquecer com rachadinha, roubo de gasolina e associação com a milícia? Podemos dar uma lista em ordem alfabética de outros criminosos nessa linha. Podemos dar também uma lista do pessoal do judiciário que cruzou os braços por trinta anos diante da carreira do bozo.

O bozo disse que só mulheres bonitas merecem ser estupra-



das. Convenhamos, subiu alguns degraus na longa escada da escrotidão. Mas se lemos direito o Nelson Rodrigues e o Dalton Trevisan, sabemos que pessoas desse naipe estão em toda parte. O bozo também pode ser substituído facilmente nesse quesito.

O bozo tem como herói o Brilhante Ustra, conhecido por levar duas crianças, de quatro e nove anos, à sessão de tortura de seus pais. Só na família do bozo temos vários zeros à esquerda com o mesmo nível de crueldade. A substituição não parece fácil, Malafaia?

O bozo se destacou ao jogar um anão pra cima num comício, ao correr atrás de uma ema com uma caixa de cloroquina e ao convidar o Xandão pra ser vice. A cena com a ema é a mais forte, me parece, digna do Grouxo Marx, e medalha de ouro de falta de noção numa autoridade. Mas qualquer um dos que cantaram o hino pra um pneu e viraram o celular pro céu pra que os alienígenas os

localizassem poderia substituir o bozo talvez com vantagem.

Cobrado por inação – ou incentivo, quando não torcida pelo vírus – diante de centenas de milhares de mortos, o bozo se irritou e disse a frase lapidar: “Não sou coveiro”. Diante da falta de oxigênio nos hospitais de Manaus, imitou, entre risos, pessoas morrendo sufocadas. Sim, aí estão os emblemas rubros do sociopata. Mas qualquer milico sionista que atraia famintos pra matá-los como patos na lagoa poderia substituir o bozo. Qualquer político que quer matar crianças em nome da blindagem do futuro de Israel poderia substituir o bozo. Mais: qualquer um dos defensores da “defesa” sionista, lá ou aqui, poderia ser um novo bozo.

Quer saber? Cansei. Não há nada mais fácil do que substituir gente escrota. Difícil, meu bem, é substituir gente generosa e inteligente, dobradinha infernal de escassa.

Se Trump ganhar o prêmio Nobel da Paz, a Estátua da Liberdade vai pedir asilo ao Canadá. (Carlos Castelo)

Vejo no Instagram variações pra pergunta: "Mamãe, por que há guerras?" As respostas são sempre muito sérias e longas. Sugiro simplificar: ora, filhinha, porque a paz não é tão lucrativa. (Ernani Ssó)

Pastor com moral de cueca até que era bem comum. Mas com moral de calcinha é novidade. (Celso Vicenzi)

Todo esse tempo depois, ainda não me recuperei da decepção com o pen drive encontrado no banheiro do bozo. Eu tinha torcido pra que contivesse os sonetos do Carluxo e uma antologia de piadas de caserna. (Ernani Ssó)

Estou velho, mas não perdi a dignidade. Só não lembro onde a deixei. (Carlos Castelo)

deus.ateu: "Sempre que estiver se sentindo idiota, pense naquele casal de pinguins que saiu da Antártica e foi a pé ao Oriente Médio para embarcar na Arca de Noé". (Ernani Ssó)

Com dinheiro na mão, por que não investir em uma embarcação de muitos pés? (Celso Vicenzi)

Eu gostaria de ser de uma dessas tribos isoladas, que nunca tiveram contato com os brancos. Porque aí, quando o mundo explodir, eu teria poupado uma vida de preocupações agravadas pela sensação de impotência. (Ernani Ssó)

**Detectados possíveis sinais de vida no planeta K2-18b, a 120 anos-luz da Terra. Trump prometeu taxar as exportações do astro em 100%. (Carlos Castelo)**

Há mais de dois meses ouço uma corruíra no jardim. Ela não notou que estamos em pleno inverno e que Dalton Trevisan morreu? (Ernani Ssó)

Tem tudo a ver: o gado bolsonarista sustenta a família com uma vaquinha. (Celso Vicenzi)

Rute Borges: "Como dizia minha avó, às vezes temos que abraçar as pessoas de que não gostamos, só pra saber o tamanho do buraco que temos que cavar no quintal". (Ernani Ssó)

Leandro Karnal, novo garoto-propaganda do Bradesco: "penso, logo invisto". (Carlos Castelo)

Dizem que as freiras são esposas de Cristo. Se isso é verdade, Cristo tem o maior de todos os haréns. Mas, harém platônico por harém platônico, sou mais o meu da adolescência, que ia da irmã do melhor amigo às atrizes de todos os filmes, sem esquecer as vizinhas e professoras boazudas. (Ernani Ssó)

Frio dos infernos! Uê, o inferno não é quente? (Celso Vicenzi)

Dinheiro não traz felicidade. Mas a falta dele sai caríssimo. (Carlos Castelo)

Aimé Césaire: "O que eles não podem perdoar a Hitler não é o crime em si, é o crime contra o homem branco, por aplicar à Europa práticas coloniais que, até então, os europeus reservavam aos árabes, indianos e negros". (Ernani Ssó)

Pelo que se vê, o código de princípios chegou ao fim. (Celso Vicenzi)

É só mais um slogan de autoajuda ou o sangue de Jesus tem mesmo poder? Deve ter, ou gente como Edir Macedo não teria enriquecido. (Ernani Ssó)

Mouzar Benedito

Se a vida fosse um privilégio assim tão grande ninguém pagaria para esquecer dela no bar. (Carlos Castelo)

Para os militares, a guerra é um jogo de quebra cabeças. (Celso Vicenzi)

Deus criou o mundo em seis dias, mas não fez a revisão. (Carlos Castelo)

Café sem cafeína, cerveja sem álcool e amor platônico? Por mim tudo bem. Acho ruim é gente sem sentimentos. (Ernani Ssó)

Hoje em dia é muito difícil encontrar alguém com grande bagagem intelectual. Em compensação, o que não falta é intelectual mala. (Celso Vicenzi)

O isolamento social da pandemia trouxe o culto ao delivery. (Carlos Castelo)

Cerca de 470 livros foram vetados pela censura, durante a ditadura. Você leu quantos? Eu só Feliz ano novo, de Rubem Fonseca, e Zero, de Loyola Brandão, ambos proibidos em 1976. Parece que o trabalho dos milicos foi um sucesso, não? (Ernani Ssó)

Quando tudo acaba em pizza, a principal matéria-prima é a massa de manobra. (Celso Vicenzi)

Num congresso, perguntaram ao Quino porque ele não acompanhou o crescimento da Mafalda. Ele respondeu: "Porque seria uma desaparecida". (Ernani Ssó)



Breve nos streamings, um filme sobre o Congresso baseado em ratos. (Carlos Castelo)

Com a proverbial fineza gaúcha, é bom lembrar que, brincando, brincando, o cachorro comeu a mãe. (Ernani Ssó)

Puxa, eu, fã dos livros do Luís da Câmara Cascudo, descobro que ele era integralista de carteirinha e em 1973 foi homenageado pelos milicos com o Prêmio Henning Albert Boilesen – criado após a morte do presidente da Ultragaz, líder do IPES e patrocinador do MUDES e do órgão de repressão e tortura OBAN/DOI-Codi. (Ernani Ssó)

Amazônia Legal. De legal ali, só mesmo a fila de gente legalizando o desmatamento no papel. (Carlos Castelo)

O peixe-remo vive entre 200 e 3.200 metros abaixo da superfície do mar. Quando ele aparece na praia, é mau sinal, tanto que é mais conhecido como O Peixe do Fim do Mundo. Pois este ano ele já apareceu quatro vezes. Chega, cara! Já entendemos. (Ernani Ssó)

É urgente discutir a adultização dos adultos. Em especial dos quarentões que ainda moram na casa dos pais. (Carlos Castelo)

O Bananão será pacificado apenas quando o último bilionário for enforcado nas tripas do último pobre de direita. (Ernani Ssó)

Depois do morango do amor, a chupeta para adultos. Ainda prefiro a chupeta do amor. (Carlos Castelo)

Prisão, que coisa louca!
Ele merece muito mais:
Domiciliar é coisa pouca!

Com honestidade fictícia,
Adorador da milícia...
Está preso... que delícia!

Verdade verdadeira:
Do jeito que a coisa vai,
Faltará tornozeleira!

Patriotário exhibe bandeira
Mas a que ele louva mesmo
Não é a brasileira

Faz pose, ameaça, xinga...
Na hora da onça beber água
Vai pedir ajuda gringa!

Bolsonarista, não pense!
Qualquer merda te convence
No teu mundo nonsense!

Se for pelo merda ferrado,
Vai dizer com convicção:
Sou eu, não ele, o errado!

Pro Brasil sob agressão,
O que dizem os bostas?
Abre as pernas, coração!

O mundo virando patife
Não reage a um babacão
Se metendo a xerife

Que tempo tenebroso:
O Napoleão de hospício
Tem um séquito fervoroso!

Não é a Terra que é plana:
O que acontece de fato
É que o país ficou chato.



Galactic pot healer é um romance menor do Philip K. Dick, de 1969, que leio numa versão argentina chamada, minha nossa, Gestarescala. Mas tem uma cena genial: o alienígena se comunica com o herói através de um fonógrafo velho, a que é preciso dar corda a todo momento porque o disco para de rodar, mesmo sendo infinito. (Ernani Ssô)

A diferença entre um pedófilo e o Netanyahu? O pedófilo não pede dinheiro aos EUA para cometer crimes contra crianças. (Carlos Castelo)

Vi na internet uma observação certa: quem defende torturadores não pode fazer mimi por causa de uma tornezeira eletrônica. Mas, confesso, gosto de ouvir o chororô do bozo. Passada a alegria, por sinal bastante fugaz, lembro do Moro, do Temer, do Aécio, do Serra e de tantos outros que me doem como calos em dias chuvosos. A letargia da justiça com a delinquência política é um caso sério, embora não seja uma exclusividade brasuca. (Ernani Ssô)

Tem tanta gente declarando amor à democracia que até eu ando apaixonado. Mas, confesso, não sei bem qual a cor do pelo desse bicho. Afinal, os EUA são o grande exemplo, e por décadas exportam democracia com taxas em ouro, ditaduras e morte de milhões de civis. (Ernani Ssô)

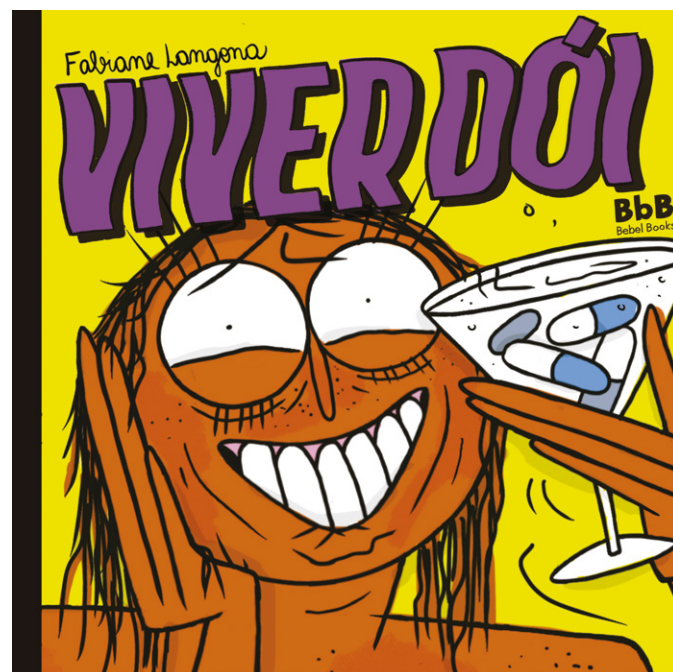
Golpista falar de liberdade de expressão é o mesmo que vendedor de pirâmide dar palestra sobre ética. (Carlos Castelo)

O sol nasceu para todos? Pede pra um baiano dizer isso pra um esquimó. (Ernani Ssô)

Sou uma alma atormentada num corpo que paga boletos. (Carlos Castelo)

300 tiras

Viver dói, o livro que reúne as melhores tiras da Fabiane Langona, saiu. Em grande estilo: lançamento na Bienal de Quadrinhos de Curitiba, entre 4 e 7 de setembro. Depois, haverá lançamentos em São Paulo e Porto Alegre. São 120 páginas, mais de 300 tiras da autora que começou a desenhar “o que não via”, pois “o que eu via nos quadrinhos feitos por homens não era bem o que eu desejava expressar”. Foi assim, desde o início, em 2005, quando ainda usava o apelido de infância, Chiquinha, na MAD. Bem, a Bebel Books fez até edição para colecionadores, limitada, do livro. Tudo colorido. Corre atrás.



Mocotó, humor e censura

Ele só não esteve nas edições do PASQUIM quando a ditadura militar decidiu prender quase toda a redação por causa de uma charge. Período chamado de “a gripe”, já que era proibido denunciar prisões políticas, comandado por Millôr Fernandes e alguns voluntários. No resto, ele ficou até a última edição (novembro de 1991), desenhando e redigindo. Sig, o rato, era sua criação mais famosa.

O nome era Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe, nascido em 29 de fevereiro de 1932 (RJ), mas Borjalo, humorista da revista Manchete em 1952, disse que isso não era nome de humorista. Assim surgiu Jaguar. Também trabalhou para a Pif-Paf, O Dia, Senhor, Última Hora, Tribuna da Imprensa e Bundas. Autor de cinco livros, o primeiro foi “Átila, você é bárbaro”.

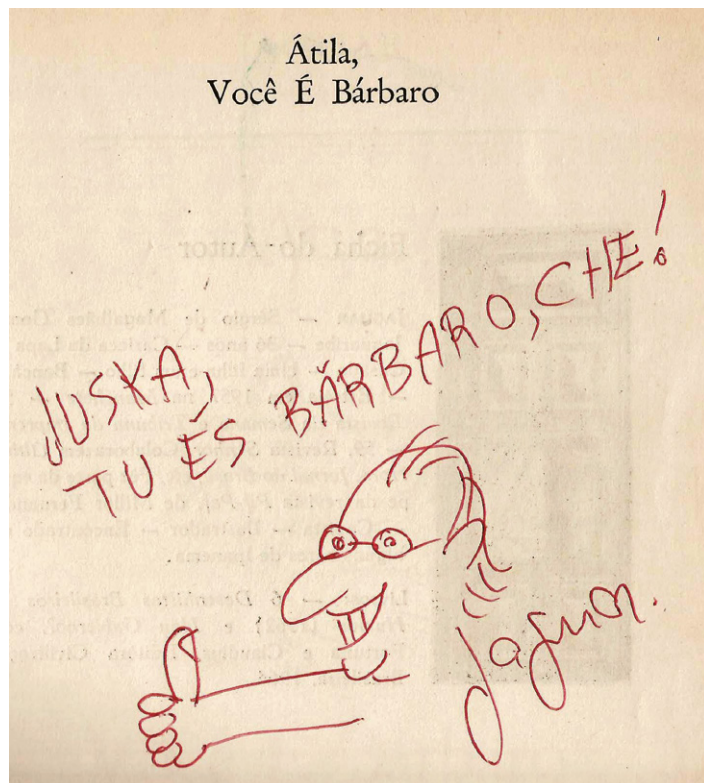
A charge que causou a prisão coletiva era a reprodução do quadro de Pedro Américo O grito do Ipiranga, onde Jaguar inseriu um balão em D. Pedro I dizendo “Eu quero mocotó”, referência a uma música da época.

Em 2008, foi anistiado, junto com Ziraldo e outros jornalistas, e indenizado pelo governo brasileiro. Morreu em 24 de agosto de 2025. (Marco Schuster)





Jaguar gostava muito dos cavalos do Edgar Vasques (“só falta eles cagarem” disse). Também dos desenhos urbanos, das cidades do Eloar Guazzelli. Aos 82, quando recebeu o diagnóstico de cirrose & tumor, lembrou Millôr: “carro velho, quando você abre o capô, acha um monte de problemas...”. Era um gozador, um eterno irreverente, agora irreverente eterno... (Juska)



Se eles são bonitos, sou Alain Delon
Se eles são famosos, sou Napoleão
Se eu posso pensar que Deus sou eu
Sim sou muito louco, não vou me curar
Já não sou o único que encontrou a paz
Mas louco é quem me diz
E não é feliz, eu sou feliz



A Casa da Mãe Brasil

Era o que eles queriam. O processo que não víamos totalmente aqui no Brasil e que agora descobrimos é o mesmo que rola no mundo todo. Um projeto que começou no pós-guerra nos EUA e que interrompeu sua velocidade por conta da social democracia da Europa, agora parece que encontrou terreno fértil para se estabelecer. Testemunhamos

aqui no Brasil, em particular, isso acontecer com o Bolsonaro. Seus herdeiros e comparsas tentam manter essa labareda acesa. Bolsonaro está enfraquecido e praticamente condenado. Mas sua família está ligada e seus seguidores em estado de prontidão.

Não era só ele e agora constatamos isso com a teimosia de Trump em associar o tarifaço a uma soltura impossível do ex-presidente. O Brasil deu um freio nesta sanha assassina que visava a total destruição da cidadania por aqui. Ontem, entrevistando a socióloga Dulce Pandolfi vimos o quanto esse termo, cidadania, tinha sido desprezado aqui

no Brasil e no mundo. Cidadania passou a ser uma ideia obsoleta como tudo que envolve a população. Não vemos mais isso nos governos neoliberais do mundo. É a meritocracia que importa e a meritocracia, como o próprio nome diz é uma atitude individual que desmonta qualquer ideia de coletivo, grupo social e luta de classes.

Nada mais conveniente para essa turma que quer destruir tudo que se fez de social aqui e no mundo. Na Europa muita coisa foi conquistada, mas assim mesmo muita coisa também foi destruída. Sobra um resto de democracia que mantém um nível civilizatório ainda viável. Aqui a ideia era acabar com tudo isso. Estado mínimo, neoliberais no poder, meritocracia como ideologia e EUA como exemplo a seguir.

De uma certa forma conseguiram. O Brasil virou o paraíso das bets ilegais, dos influenciadores milionários, das negociatas, das emendas secretas, do feminicídio, da pedofilia, dos tigrinhos, da evangelização descontrolada e de

outros tantos negócios escusos.

Lula atrapalhou esse projeto e espero que a esquerda continue a trabalhar pela população porque uma coisa que ficou de tudo o que foi conquistado, mas que vem sendo ameaçado é a eleição, o voto como decisão soberana da população. Acabar com o voto, ou complicá-lo ainda mais como nos EUA é mole. Trump já começou a pensar nisso para se perpetuar, enquanto for vivo, no poder. Aqui no Brasil desconfiaram do sistema seguro e moderno do voto eletrônico que ainda bem continua.

Precisamos mudar esse parlamento para que a Casa da Mãe Joana não se estabeleça de vez. Temos um país inteiro com uma população significativa para ser ouvida. Não podemos quebrar este ritual democrático que, apesar dos pesares, ainda é o melhor. A democracia tenta colocar uma certa ordem nesta casa. Este serviço nobre precisa ser preservado e elegendo a esquerda para presidência e congresso é o começo do caminho. O resto são desvios à direita.

Lu Vieira

Grafite sobre papel.....

sobre qualquer papel.....

Edição: Eugênio Neves



"Algumas pessoas nascem com defeitos no código genético. É a loteria da natureza. Simplesmente fazer o corpo funcionar sem se destruir é a mais árdua das batalhas, batalha essa em que o adversário é tu mesmo."

W VIEIRA